

A CONCEPÇÃO DE LITERATURA MARGINAL

Edmar Ferreira de Matos¹

Mestrando em Língua Portuguesa pela PUC-SP

Neste ensaio, propomos uma reflexão acerca da concepção da Literatura Marginal, uma vez que há pesquisadores que distanciam seu olhar em relação à própria condição dada pela terminologia. A literatura intitulada marginal surge por meio de suas características enunciativas singulares: a sua condição de produção, a forma como é veiculada a sua obra e como emerge o seu próprio autor. O escritor se apropria de sua condição socioeconômica e cultural para engajar marcas de seu próprio território. Assim, reproduz um discurso de um lugar marginal, sob a perspectiva de um habitante desse meio.

Sob esse aspecto, Leroux e Rodrigues (2014) investigam a nova geração da literatura marginal a partir da tensão de sentidos do termo “periferia”. Para as autoras, a categoria “marginal” é tradicionalmente abordada no campo das Ciências Sociais e relaciona-se ao sentido geográfico e social para os estudos urbanos, opondo-se ao centro. No que concerne à sociologia e à antropologia, o termo relaciona-se à cultura e aos modos de vida dos que integram esses locais. Na arte, por sua vez, a “marginalidade” associa-se aos vários modos de contestar o regime das artes de seu tempo além de suas instituições.

Ainda segundo as estudiosas, os poetas marginais das décadas de 1960 e de 1970 traziam um “posicionamento antagônico às regras estéticas e comerciais impostas pelo mercado editorial, entre outros fatores” (LEROUX & RODRIGUES, 2014 p. 4). A rebeldia desses artistas tinha forma de culto à transgressão e de necessidade do desvio.

As pesquisadoras, em seu artigo, fazem uma comparação entre os antigos escritores marginais e a nova geração da literatura marginal. Para elas, embora a geração marginal de 1960 e 1970 era composta predominantemente por aqueles a quem a palavra jamais faltou e por aqueles para quem a expressão é a recusa a um pertencimento que ninguém contesta, os autores dessa nova fase “anseiam em ocupar os espaços legitimados de fala, de formação e de reconhecimento. Por essa razão, ambicionam o livro e a editora, embora em formatos que incluam os indivíduos pouco ou nada alfabetizados como público” (LEROUX & RODRIGUES, 2014, p. 10).

Eble e Lamar (2015) investigam a origem do termo marginal na literatura brasileira e afirmam que o termo surge na década de 70, com a Poesia Marginal ou a Geração do Mimeógrafo. A esse respeito, os pesquisadores asseveram que o conceito desse termo na

¹ Endereço eletrônico: edmarfmatos@gmail.com

literatura “está ligada a escritores considerados à margem do circuito editorial, à subversão do poder acadêmico e linguístico e à representação das classes desfavorecidas” (EBLE e LAMAR, 2015, p.194).

Além disso, os representantes dessa geração eram, em sua maioria, provenientes da cidade do Rio de Janeiro, de classe média e alta. No entanto, na década de 1990, a nomenclatura marginal ressurgiu para representar um novo grupo de escritores que eram representantes da própria periferia, principalmente a de São Paulo e tinham como temática a periferia, a cultura do *hip hop*, os problemas sociais, entre outros. Dessa maneira, conforme os especialistas:

A literatura marginal estava diretamente associada à cultura *hip hop* e, principalmente, a melodias do rap, que é constituída por pilares: *rap*, *break*, *graffite*, moda *hip hop*, *disc jockey* (DJ), *master os ceremony* (MC) e *Beat Box* (EBLE & LAMAR, 2015, p. 194).

Por conseguinte, a nomenclatura marginal, nessa nova geração, aproxima-se do contexto de marginalidade social e cultural ao qual os escritores estariam submetidos. Suas produções são consideradas “à margem da sociedade e da literatura padrão, das características literárias, como a linguagem, entre outros aspectos, da ordem textual e também da sua origem socioeconômica” (EBLE & LAMAR, 2015, p.196).

A apropriação do termo marginal se dá pelas questões sociais abordadas nas obras, pelo espaço periférico, pela condição social dos próprios produtores que estão no limiar da elite literária e pela subversão ao cânone literário (EBLE & LAMAR, 2015). Em suma, para os pesquisadores, essa classificação de literatura assume uma postura questionadora e contra-hegemônica, sendo considerada uma leitura híbrida de culturas, ao ser “fruto de hibridização entre as culturas negras, *hip hop*, folclore, popular erudita, marginal, periférica, urbana, entre outras” (EBLE & LAMAR, 2015, p.210).

Por outro lado, Oliveira (2011) assegura que o alcance dessa literatura é muito maior por interferir nos processos de produção, recepção e circulação da obra literária ao deslocar posições canônicas acerca do conceito, da função e da relação da literatura com a sociedade. Os escritores da década de 1970 tornaram-se antagonistas das formas comerciais de produção e circulação da literatura, conforme os padrões e exigências editoriais.

Sob esse prisma, Oliveira (2011, p. 32) incrementa que “o sentido de marginal desliza para um modo de vida de sujeitos qualificados como ‘alternativos’, ou excêntricos, alheios aos padrões de comportamento socialmente aceitos”. Com isso, os padrões, o termo e a classificação como literatura marginal derivam-se do estabelecimento da relação social e

também cultural do sujeito escritor. Fica claro que uma particularidade que caracteriza um traço transformador da literatura marginal é justamente a sua propriedade de voz coletiva, comprometida em relatar e escrever a própria experiência, em oposição à cultura dominante. Enfim, Oliveira (2011, p. 36) salienta:

Os compromissos dessa literatura não são puramente estéticos, de renovação formal, mas fortemente motivados pela trajetória, muitas vezes “criminosa”, que constitui a experiência desses sujeitos. Dessa forma, a literatura periférica desafia a teoria da literatura a articular a voz do sujeito que fala desde sua condição marginal à posição hegemônica do intelectual que fala sobre uma realidade e sobre práticas por ele desconhecidas, avaliadas segundo lugares sociais e institucionais, representantes do centro e da ordem, que inevitavelmente carregam posições ideológicas e interessantes que condicionam a sua interpretação.

Portanto, a literatura intitulada marginal possui marcas próprias que trazem à tona questionamentos de cunho social e cultural, além de os escritores marginais falarem de um espaço pertencendo a ele. Conforme os estudiosos tratados nesta pesquisa, pode-se evidenciar que essas marcas “conferem novas configurações do literário, que certamente obrigam a teoria a repensar não apenas suas categorias e parâmetros de análise, como ainda a sua tarefa política de resistência à dominação do conhecimento” (OLIVEIRA, 2011, p.38).

REFERÊNCIAS

- EBLE, Taís Aline; LAMAR, Adolfo Ramos. A literatura marginal/ periférica: cultura híbrida, contra-hegemônica e a identidade cultural periférica. **Revista Especiaria – caderno de Ciências Humanas**, v.16, n. 27, p. 193-212, jul.-dez. 2015.
- LEROUX, Liliane; RODRIGUES, Renata Oliveira. Deslocamentos da nova literatura marginal: os sentidos de “periferia” e o livre ficcionar do artista. **Revista Antares**, v.6, n. 12, p. 3-20, jul.-dez. 2014.
- OLIVEIRA, Rejane Pivetta. Literatura marginal: questionamentos à teoria literária. **Revista Ipotesi**, Juiz de Fora, v.15, n. 2, p. 31-39, jul.-dez. 2011.